

## LÍBERO, MAZZONI E A CRIAÇÃO DE A GAZETA ESPORTIVA<sup>1</sup>

Mauricio José Stycer<sup>2</sup>

**Resumo:** *Este texto analisa como se constituiu A Gazeta Esportiva na década de 30 e o papel que desempenhou no jornalismo esportivo naquele momento. Por meio da reconstituição das trajetórias dos jornalistas Cásper Líbero e Thomaz Mazzoni, busca-se entender o lugar do jornal dentro da imprensa de sua época e sua relação com o desenvolvimento do futebol no período.*

**Palavras-chave:** *jornalismo esportivo, sociologia do jornalismo, futebol.*

Os primeiros momentos do futebol no Brasil têm sido farta e calorosamente discutidos já há um quarto de século<sup>3</sup>, enquanto muito pouco se pesquisou especificamente sobre o início do jornalismo esportivo no Brasil. Para quem se interessa pelo papel da imprensa nesse processo, as principais informações encontram-se, quase sempre, como elemento secundário ou acessório nos estudos que historiadores, sociólogos, antropólogos, professores de literatura e mesmo jornalistas têm dedicado ao início do futebol no Brasil.

A vasta bibliografia existente<sup>4</sup> deixa entrever que o jornalismo esportivo floresceu nos primeiros anos do século XX em resposta ao interesse da elite que implantou o futebol no país, mas só veio a se desenvolver (ou “modernizar”, para usar a retórica freqüentemente adotada) a partir da década de 20, quando o esporte se tornou efetivamente de massas. O salto do jornalismo esportivo está diretamente ligado ao processo de “modernização” ou “democratização” do futebol, como alguns estudiosos também chamam, que acaba levando, em 1933, à formalização do profissionalismo.

O esporte se torna, para os clubes, um negócio rentável e promissor e, para os jogadores, formalmente, uma profissão – uma chance de ascensão social para setores marginalizados da sociedade. Uma nova perspectiva se abria, e para isso contribuía uma nova imprensa esportiva. O número de publicações dedicadas ao esporte salta de cinco, em 1912, para 58, em 1930, o que ajuda a consolidar “uma sólida indústria em torno do jogo” (PEREIRA, 2000: 317). Nasceram nesse período, não por acaso, a *Gazeta Esportiva*, em São Paulo, e o *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro, que viriam a ser os dois principais jornais esportivos do país até os anos 80.

Por motivos que não cabem discutir neste espaço, o papel do jornalista Mario Filho no diário carioca mereceu até hoje muito mais atenção do que o de Cásper Líbero e Thomaz Mazzoni no jornal paulista. Este texto pretende, portanto, sublinhar o trabalho de construção da *Gazeta Esportiva* e a importância que este jornal – e aqueles que o lideraram – tiveram no desenvolvimento do jornalismo esportivo nacional.

<sup>1</sup> Apresentado no 1º Encontro da ALESDE, no grupo temático Esporte e Mídia.

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Sociologia da FFLCH - USP

<sup>3</sup> O sociólogo argentino Pablo Alabarces credita a uma coletânea de estudos organizada por Roberto DaMatta, com data de 1982, “a primeira tentativa sistemática na universidade latino-americana” de abordar o assunto. Ver *Peligro de gol: Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina*, Buenos Aires, Clacso, 2000, pág. 14. Ele se refere a *Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

<sup>4</sup> Veja “Referências bibliográficas”, ao final deste texto..

O jornal *A Gazeta*, “célula-mãe” da *Gazeta Esportiva*, circulou pela primeira vez em 16 de maio de 1906. Desde o início, era um vespertino<sup>5</sup>. O jornal teve diversos donos e passou por sucessivas crises até ser adquirido, em 1918, por Cásper Líbero (1889-1943), que iria transformá-lo num conhecido diário do Estado de São Paulo. Sabe-se pouco sobre a vida e a trajetória profissional de Líbero. Além de um texto de caráter oficial, escrito por um amigo, Silveira Peixoto (1997), e apresentado como “biografia romanceada”, há um único estudo acadêmico dedicado a ele, na qual a professora de jornalismo Gisely Valentim Vaz Coelho Hime (1997) apresenta uma visão francamente positiva do biografado.

Homem da elite urbana paulista, o pai de Cásper, Honório Líbero, formado em medicina, foi fundador do Partido Republicano Paulista (PRP) em Bragança Paulista e fez parte do primeiro governo da cidade depois da Proclamação da República (1889-1890). Nos primeiros anos do século, a família de Cásper mudou-se para São Paulo. Seus dois irmãos, Nelson e José, estudaram medicina, enquanto ele cursou direito, na faculdade do Largo São Francisco. Ainda na faculdade, fez campanha por Rui Barbosa, contra Hermes da Fonseca, na eleição de 1910. No ano seguinte, no Rio, aos 21 anos, Líbero fundou um jornal chamado *Última Hora*, junto com o poeta Olegário Mariano e o caricaturista Raul Pederneiras, fechado pouco tempo depois por ordem do governo Hermes da Fonseca.

Com a idéia de difundir notícias para diferentes veículos a partir de uma central de informações, e não de um jornal – um modelo de negócio criado na Europa e difundido nos Estados Unidos em meados do século XIX –, Líbero funda, com os mesmos amigos, em 1913, aquela que pode ser considerada a primeira agência de notícias brasileira, a Agência Americana<sup>6</sup>. O negócio não prosperou. O jornalista, então, foi contratado pelo *O Estado de S. Paulo* para dirigir a sucursal do jornal na Capital Federal, um cargo de importância e prestígio. A sua biografia oficial informa, também, que neste período, por indicação do senador Antonio Azevedo, foi nomeado procurador da República no Mato Grosso, mas logo se exonerou. “Não era a sua vocação”, explicou um amigo.

A forma como o jornalista conseguiu comprar *A Gazeta* completa o retrato sobre o lugar que ocupava, então, na elite paulistana. Cásper Líbero “não tinha fortuna”, informa o seu biógrafo oficial. Para adquirir o vespertino, em 1918, foi ajudado pelo irmão, o médico legista da polícia de São Paulo, José Líbero, e por dois amigos, importantes políticos do PRP: Julio Prestes, futuro governador (“presidente”) de São Paulo, e Oscar Rodrigues Alves, filho de Rodrigues Alves, que também foi governador de São Paulo e presidente da República. Quatro anos depois da aquisição de *A Gazeta*, Líbero conseguiu adquirir todas as ações do jornal que se encontravam com os amigos (HIME, 1997: 35).

Na campanha presidencial à sucessão de Washington Luis, em 1929, era natural que *A Gazeta* apoiasse a candidatura Julio Prestes. Anos depois, Líbero admitiria que recebeu muito dinheiro, a título de publicidade eleitoral, o que considerava legítimo, da campanha do candidato do PRP (HIME: 53-54). Depois da revolução de 30, como ocorreu com vários jornais que apoiaram Prestes, *A Gazeta* foi empastelada, seus equipamentos destruídos e Cásper Líbero seguiu para um exílio voluntário na Europa.

<sup>5</sup> Matutinos e vespertinos conviveram na imprensa brasileira até meados dos anos 60. Os matutinos tinham mais prestígio, mas os vespertinos ganhavam relevância ao atualizarem os fatos importantes ocorridos ao longo do dia. Com a difusão do rádio, a partir dos anos 30, e sobretudo com a popularização da tevê, a partir dos anos 60, os vespertinos perderam a sua principal razão de existir.

<sup>6</sup> A primeira agência de notícias foi a Havas, criada em 1835, em Paris.

O jornalista reassume *A Gazeta* em 1931 e apóia a campanha pela “reconstitucionalização” do país. Em 9 de julho de 1932, quando os paulistas pegam em armas contra o governo Vargas, Cásper Líbero parte para o front, armado e fardado, registra o seu jornal. Movimento derrotado, é preso e deportado. Passa por Lisboa e depois Paris, até ser anistiado, junto com outros exilados. Datam de 1933, observa Hime, os primeiros artigos do jornalista em defesa de Vargas. O que explica essa virada? Líbero quer “garantir a livre circulação (*do jornal*) nesse novo-velho governo que se articula”, escreve.

Governista, Líbero ganha uma indenização do Estado pelo empastelamento da *Gazeta* em 1930, e com parte desse dinheiro constrói uma nova sede para o jornal, que iria ser inaugurada em 1939<sup>7</sup>. Um ano antes, viajou a Alemanha para comprar novos equipamentos e foi recebido pelo ministro da Propaganda, Joseph Goebels, com “honras de estadista”. No mesmo ano, recebeu o título de “comendador” da coroa italiana. Tornou-se amigo de Getúlio, dos filhos do presidente, de ministros e autoridades variadas do governo. O que os une? “O espírito nacionalista”, responde Hime<sup>8</sup>. “O que garante a coerência do vespertino nos anos da administração Cásper Líbero é a fidelidade aos ideais nacionalistas. Seja opondo-se à Revolução de 1930, seja apoiando a Revolução de 1932, seja defendendo o Estado Novo, Cásper empunha cada nova bandeira, antes de tudo, em nome do nacionalismo” (HIME: 231-232). “O Regime Novo é o despertar da razão brasileira”, escreve Líbero sobre a ditadura. Mas, sintonizado com os ventos políticos, em 1941, o jornalista passa três meses nos Estados Unidos. A política de boa vizinhança patrocinada pelo governo americano leva Líbero, observa Hime, a fazer “vista grossa ao imperialismo, para ressaltar a solidez das relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos”.

A trajetória de Líbero como empresário e jornalista é semelhante à de muitos seus contemporâneos, que viveram um tempo, a primeira metade do século XX, em que os jornais auferiam lucros, não apenas financeiros, mas de prestígio e poder, ao definir abertamente a sua posição política<sup>9</sup>. Neutralidade, pluralismo e objetividade só seriam valores apregoados pelo jornalismo brasileiro a partir da segunda metade do século<sup>10</sup>. Na década de 30, o envolvimento na luta política era um procedimento comum, encarado abertamente, sem pruridos. Hime admite que Líbero usou o jornal como instrumento político, mas defende que o fez de forma diferente: “O que ele faz é subordinar o político ao jornalista, enquanto os outros subordinavam o jornalista ao político”, escreve. Para sustentar essa tese. Hime recorre a um discurso do próprio jornalista:

“Nunca almejei outra coisa, senão, apenas, ser diretor d’A Gazeta. (...) Minhas pretensões políticas não são outras senão ficar na posição em que estou, porque assim poderei, com grande prazer, amparar aqueles que precisem subir, da mesma forma que poderei dar a mão àqueles que tiverem que descer”<sup>11</sup>.

Hime sublinha esse ponto. “Aos céticos que não se contentaram com as declarações, lembramos que, de fato, Cásper jamais aceitou a indicação de seu nome para cargo algum”. É ingenuidade imaginar que seria preciso aceitar um cargo público para exercer e usufruir o

<sup>7</sup> Com projeto do escritório de Ramos de Azevedo, trata-se do primeiro edifício planejado especificamente para abrigar uma redação no Brasil. Localizava-se na rua da Conceição, no centro de São Paulo.

<sup>8</sup> Op. cit., pág. 81. O nacionalismo não impede Líbero de batizar o restaurante e boate que ocupam o último andar do novo prédio d’A *Gazeta* como Roof (telhado, em inglês).

<sup>9</sup> Ver N. W. Sodré, *História da imprensa no Brasil*.

<sup>10</sup> Ver C.E.L. da Silva. *O adiantado da hora: A influência americana sobre o jornalismo brasileiro*.

<sup>11</sup> Discurso publicado em *A Gazeta*, 27 de maio de 1940, apud Hime, op. cit., pág. 234.

poder, como se não bastasse o poder que o próprio jornal já lhe dava. O próprio Líbero, em seu discurso, explicita o enorme poder que se atribuía no trabalho de dirigir *A Gazeta*, capaz de “amparar aqueles que precisem subir” e também os “que tiverem que descer”.

Com grande senso de oportunidade, desde o início Líbero associou *A Gazeta* a uma série de eventos esportivos<sup>12</sup>. Reza a lenda que, depois de assistir a uma corrida noturna em Paris, em 1924, teve a idéia de promover algo parecido em São Paulo. Nasceu assim, no dia 31 de dezembro (dia de São Silvestre) de 1925, a famosa corrida, até hoje integrante do calendário esportivo da cidade. Apaixonado por esportes, segundo a biografia oficial, também criou uma prova ciclística, a Nove de Julho, ainda disputada, e uma competição esportiva entre universidades. Em 24 de dezembro de 1928, nascia *A Gazeta – Edição Esportiva*, um suplemento semanal do jornal. Uma década depois, já rebatizado como *A Gazeta Esportiva*, passou a circular três vezes por semana até que, em 10 de outubro de 1947, quatro anos depois da morte do seu fundador, se tornou diário.

Desde o início, o principal assunto do jornal é o futebol. A primeira novidade, em relação a outros diários, é o volume de informações. Com 12 páginas diárias (chegou a 72 na década de 70), a *Gazeta* fazia a cobertura dos principais clubes da cidade, então agrupados em torno da Associação Paulista de Esportes Atléticos, e também, e isso era novidade, dos campeonatos de várzea e dos torneios promovidos pelas associações classistas, como ligas operárias. Um famoso texto de Thomaz Mazzoni (1939: 65), o chefe da seção de esportes do jornal, no qual ele cita vários jornais do mundo, dá uma idéia do volume de informações que a *Gazeta* publicava na década de 30. “Sem exagero algum, à parte qualquer vaidade e pretensão nossa, diremos que com respeito ao pequeno ‘association’, ao futebol varzeano, a ‘Gazeta’ é o primeiro jornal esportivo do mundo”.

A pesquisa de Gisely Hime fala pouco do papel de Cásper Líbero à frente da *Gazeta Esportiva*, além da promoção de eventos esportivos. Waldenyr Caldas (1990), porém, lembra que Líbero teve atuação fundamental “na pacificação do futebol paulista”, ocorrida no final da década de 20. Entre 1926 e 1929, São Paulo assistiu a dois campeonatos de futebol, organizados por duas diferentes ligas, a Associação Paulista dos Esportes Atléticos (Apea), criada pelos times da elite em 1917, e Liga dos Amadores de Futebol (LAF), fundada em 1925. A criação da LAF foi uma iniciativa do Paulistano, com o apoio dos primeiros times da cidade, o Germânia e o Britânia, causada pela insatisfação com o falso amadorismo não coibido pela Apea. Segundo Caldas (1990: 124), uma iniciativa tomada por “elitismo, preconceito social e racial”.

Cásper Líbero inaugura o suplemento esportivo de *A Gazeta* na véspera do Natal de 1928, ano em que a cidade de São Paulo teve dois campeões de futebol, o Corinthians (Apea) e o Internacional (LAF). A duplicidade de competições não era boa para os negócios, percebeu o empresário. No final de 1929, o Paulistano decide encerrar as atividades do seu departamento de futebol, o que apressa a dissolução da LAF. A liga dos times da elite econômica acaba, mas a solução para a cisão do futebol paulista não é simples. Ainda há ressentimentos entre as duas entidades, e não se sabe direito como absorver, na Apea, os demais clubes da LAF, especialmente o Germânia, um dos times mais antigos da cidade e um dos líderes da dissidência. É aí que entra Cásper Líbero. O dono da *Gazeta* cria uma comissão com o objetivo de negociar a volta dos clubes da LAF à

<sup>12</sup>Sevcenko (2003) mostra como outros jornais, como *O Estado de S. Paulo*, também participaram no período do que ele chama de “empenho pela mobilização física da população”, por meio da promoção de provas atléticas de corrida, caminhada, ginástica, ciclismo etc.

Apea “sem o desgaste moral e político decorrentes do ‘arrependimento’ e do ato de se rebelarem contra a entidade oficial” (CALDAS, 1990: 160). Em 21 de dezembro de 1929, em reunião realizada na sede do jornal (um lugar neutro, supostamente), representantes das duas ligas assinam o compromisso de aceitar o Germânia na primeira divisão da Apea e encerrar “a cisão que se vinha há muito implantando no seio da família paulista”. Essa solução, sumariza Caldas, “significava, na verdade, um grande passo em direção ao profissionalismo”, desfecho que era do interesse de Líbero e iria ocorrer três anos depois.

O nome de Cásper Líbero também aparecerá junto ao da *Gazeta Esportiva* durante o Estado Novo. O empresário usará o suplemento esportivo como uma das pontes em sua aproximação de Getúlio Vargas. Em 1940, em meio às competições esportivas universitárias que o jornal promove, Líbero criará uma “embaixada universitária”, formada por estudantes paulistas, para participar dos festejos dos dez anos do governo Vargas (HIME, 1997: 201). A “Caravana universitária Cásper Líbero”, como foi chamada, é recebida pelo presidente, que ganha, das mãos do jornalista, um bronze chamado “Altar da pátria”. A visita se repete no ano seguinte.

A *Gazeta Esportiva*, em todo caso, não era a única prioridade de Cásper Líbero. Como vimos, o foco de sua atividade empresarial, jornalística e política era *A Gazeta*. Desde o início, Líbero delega a outros jornalistas a tarefa de dirigir o suplemento esportivo. O que mais vai se destacar é Tomáz Mazzoni (1900-1970). Caberá a Mazzoni, no comando da redação, e também como colunista, dar uma cara ao jornal. Sua influência irá muito além da *Gazeta* e, na avaliação de muitos, será o mais importante jornalista esportivo de São Paulo por algumas décadas. Ao longo da carreira, publicou duas dezenas de livros, dois dos quais se tornaram referência em grande parte dos estudos sobre futebol: *Problemas e aspectos do nosso futebol*, de 1939, e *História do futebol brasileiro*, de 1950.

Por tudo isso, é espantoso que a trajetória de Mazzoni seja alvo de tão pouco interesse. Todos os seus livros estão esgotados há décadas<sup>13</sup>. Na universidade, o historiador Plínio José Labriola de C. Negreiros (1999) foi o único, até hoje, que dedicou maior atenção a Mazzoni, ao analisar, em sua tese de doutorado, o uso político que o Estado Novo fez do futebol. Mazzoni não é o objeto principal do estudo, mas certos escritos do jornalista ajudam Negreiros a iluminar o seu objeto. Por esse motivo, o historiador deixa de lado alguns aspectos interessantes da carreira de Mazzoni, que também merecem registro.

Nascido em Polignano a Mare, pequena cidade no sul da Itália, na região da Puglia, chegou ao Brasil ainda menino, em companhia dos pais<sup>14</sup>. Segundo registro de *O Estado de S.Paulo*, só se naturalizou brasileiro em 1945, aos 45 anos, quando já era um jornalista consagrado. Pouco se sabe sobre a origem social de seus pais e sobre a infância em São Paulo, mas o que se conhece sobre a imigração italiana para o Brasil, no período, faz supor que fossem trabalhadores, de origem social humilde. Os imigrantes originários de Polignano a Mare são conhecidos por terem vindo para São Paulo mais ou menos no mesmo período, em torno de 1900, e formado uma comunidade no bairro do Brás. Eram, em sua maioria, devotos de São Vito, tema até hoje de uma festa anual no bairro, e exerciam profissões simples no comércio cerealista (RICÚPERO, 1993).

<sup>13</sup> Um exemplar da *História do futebol brasileiro* era encontrado à venda, em dezembro de 2006, num site de leilões na Internet por 850 reais.

<sup>14</sup> Segundo o obituário publicado por *O Estado de S.Paulo*, recorte sem título, 15 de janeiro de 1970.

Mazzoni começou a vida profissional aos 19 anos, numa publicação que circulava duas vezes por semana, chamada *São Paulo Esportivo*<sup>15</sup>. Em junho de 1928 está trabalhando na seção esportiva de *A Gazeta*. Lança, então, a primeira edição do *Almanaque Esportivo*, uma publicação com o registro minucioso dos fatos esportivos ocorridos no ano. Em 24 de dezembro de 1928, chega às bancas o semanal de *A Gazeta – Edição Esportiva*, dirigida por Leopoldo Sant’Anna. Menos de dois anos depois, em 1930, Mazzoni assume o comando da redação, cargo que ocupará por dez anos (SODRÉ, 1999: 365).

Sua atuação à frente do jornal se dará em duas frentes. Por um lado, vai estabelecer um diálogo com o torcedor, de uma forma que a imprensa esportiva de São Paulo ainda não havia feito, buscando torná-lo um leitor fiel do jornal por meio de inúmeros artifícios e promoções. Por outro lado, numa militância ferrenha, em sua coluna no jornal, Mazzoni vai dar combate, palavras suas, “à degeneração completa, à desordem e à desmoralização” do futebol brasileiro, causada por dirigentes de clubes e ligas, bem como por jornalistas, todos acusados de praticarem o que ele chama genericamente de “clubismo”<sup>16</sup>.

Da mesma forma que Mario Filho, Mazzoni entende que a paixão (pelos clubes, pela seleção) é um dos elementos essenciais do futebol. Por meio da *Gazeta Esportiva* vai alimentar essa paixão e facilitar a identificação do torcedor com o jornal. Se na primeira década do século os jogadores ainda eram chamados em alguns jornais de “senhores”, com nome e sobrenome (FONSECA, 1997: 128), na década de 30 eles serão conhecidos, sem restrições, por nomes, apelidos ou diminutivos. Mazzoni vai se encarregar de inventar apelidos para os times de São Paulo, como Mosqueteiro e Timão (para o Corinthians), Campeoníssimo (Palmeiras), Clube da Fé (São Paulo), Moleque Travesso (Juventus), Nhô Quim (XV de Piracicaba) etc. Também criou, como Mario Filho, títulos para os confrontos entre os times da cidade, como Choque Rei (para jogos entre Palmeiras e São Paulo, devido à “majestade” da disputa), Derby Paulista (Corinthians e Palmeiras, inspirado em importante corrida de cavalos da Inglaterra), Majestoso (entre Corinthians e São Paulo).

Por outro lado, em sua atuação contra o “clubismo”, Mazzoni criticava a imprensa por “criar rivalidades e, às vezes, ódios” desnecessários. Na obra em que reuniu os seus textos a respeito dos problemas do futebol brasileiro, em 1939, o jornalista responsabiliza a imprensa por confrontos ocorridos entre paulistas e cariocas (“o choro não é mais do que um desabafo da paixão bairrista, e que quanto mais se alimenta, mais cega fica”). Como nota Toledo (2002: 309), há uma nítida contradição entre o discurso do jornalista em defesa da razão e a sua própria percepção a respeito da paixão clubística como um aspecto constitutivo do futebol. Aliás, Mazzoni adere até à “choromania”. Em 1938, ao cobrir a Copa do Mundo na França, a qual acompanhou como membro oficial da delegação brasileira, exaltado, fará coro aos jogadores, dirigentes e jornalistas que culpam o árbitro suíço Hans Wütrich pela derrota do Brasil frente à Itália, por 2 a 1, na semifinal<sup>17</sup>.

Em sua tese, Negreiros aponta outra questão polêmica no discurso de Mazzoni: a sintonia de seus textos contra a desorganização do futebol, na década de 30, que pediam uma maior intervenção do Estado na gestão do esporte, com os interesses do governo

<sup>15</sup> Não sabemos se cursou universidade.

<sup>16</sup> Veja “As três chagas do futebol brasileiro”, in *Problemas e aspectos do nosso futebol*, op. cit., págs. 13-15.

<sup>17</sup> “Poucas vezes, ante a parcialidade de um juiz, ainda que das mais desenfreadas, nos animamos a taxar um apitador de faccioso. Fizemo-lo, porém, desta vez, com toda a justiça, porque é impossível encontrarmos uma justificação para aprovar a decisão do árbitro suíço que concedeu o penal do segundo tento aos italianos”. *O Brasil na Taça do Mundo*, pág. 38.

Vargas<sup>18</sup>. “Frases, expressões e palavras presentes nos discursos dos dirigentes do Estado Novo estão também presentes nas crônicas de Mazzoni”, observa Negreiros (1999: 215). O historiador considera que a luta de Mazzoni “surtiu efeito” em 1941, com a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND), que estabeleceu uma ampla legislação para todas as atividades esportivas. Cabe lembrar que Cásper Líbero estava muito próximo de Getúlio Vargas no período, ainda que não seja possível estabelecer uma vinculação direta entre os fatos, supor que Mazzoni escreveu artigos por encomenda de alguém.

Outro episódio lembrado por Negreiros diz respeito à Copa do Mundo de 1938, realizada na França. *A Gazeta* se engaja em uma campanha, promovida pela CBD (Confederação Brasileira de Desportos), uma entidade privada, com o objetivo de arrecadar recursos para a seleção brasileira. Quem adquirisse um certo selo participaria de um sorteio cujo prêmio maior era acompanhar a Copa *in loco*. Escreve Mazzoni:

Quanto melhor conforto tiver o ‘XI’ brasileiro, tanto melhor será a margem que teremos para importar nosso valor. (...) Adquirir o ‘selo’ não é, pois, somente a esperança própria de ser ir à Europa assistir o Campeonato Mundial, como também um ato patriótico para melhor servir o nosso ideal comum de vermos o Brasil atingir o posto supremo no futebol internacional (...) <sup>19</sup>.

Na visão de Negreiros, *A Gazeta* aceitou ser usada num esforço de mobilização dos brasileiros em torno da seleção e Mazzoni faz muito bem esse jogo ao transferir a responsabilidade do sucesso da seleção para as mãos dos torcedores. Ainda que o texto citado seja coerente com os esforços feitos pelo jornalista no sentido de envolver o torcedor não apenas com o futebol, mas também com o jornal, a proximidade d’*A Gazeta* com o poder, neste e em outros momentos, vai afetar a sua credibilidade e abalar o prestígio de ambos<sup>20</sup>, levando o jornal a adquirir a fama de “chapa-branca” (BETTING, 2005: 34).

A história oficial registra que graças ao sucesso financeiro da *Gazeta Esportiva* foi possível erguer o prédio que abriga a Fundação Cásper Líbero, no coração da avenida Paulista, no final da década de 50. E graças ao empenho de um diretor de *A Gazeta Esportiva*, Carlos Joel Nelli, a lei de zoneamento da cidade foi alterada, tornando possível a construção de prédios daquela dimensão na avenida. “O perfil do maior centro financeiro do país tem muito a ver com a publicação”, orgulha-se a Fundação<sup>21</sup>.

Em 25 de agosto de 1979, em meio a uma crise financeira, o jornal *A Gazeta* deixou de circular e se transformou num suplemento de *A Gazeta Esportiva*. Vinte anos depois, em 1999, esse suplemento deixou de ser publicado. Já o diário esportivo, cujo slogan era “se a Esportiva não deu, ninguém sabe o que aconteceu”, deixou de circular em 19 de novembro de 2001, mantendo-se hoje como um site na Internet.

O que explicaria a decadência da *Gazeta Esportiva* – e também do *Jornal dos Sports* – a partir dos anos 80? *A Gazeta*, que chegou a vender 534 mil exemplares no dia seguinte à

<sup>18</sup> “A voz autoritária do comando: eis o que nunca existiu no nosso esporte, onde não se conhece a obediência e onde não existe a responsabilidade, harmonia, a hierarquia”, pede o jornalista em “Lixo para ser queimado”. In *Problemas e aspectos do nosso futebol*, op. cit. pág. 41.

<sup>19</sup> “Pode-se ir à Copa por 500 réis”. *A Gazeta*, 6 de abril de 1938, *apud* Negreiros, op. cit. pág. 229.

<sup>20</sup> Na década de 50, Mazzoni chegou a criar uma certa “Legião de 16 de Julho”, onde incluía aqueles que lhe pareciam muito críticos ou pessimistas em relação à seleção brasileira. A data é uma referência ao dia da partida final da Copa de 1950, entre Brasil e Uruguai, no Maracanã, vencida pelos uruguayos por 2 a 1.

<sup>21</sup> Na verdade, foi uma construção tumultuada, iniciada em 1958 e encerrada em 1962. O edifício foi projetado inicialmente para ter 44 andares. No alto da torre deveria haver um mirante, de onde poderia se ver o mar. Por falta de recursos, o prédio ficou com apenas 14 andares.

final da Copa de 70, tirava pouco mais que 15 mil exemplares por dia no final da última década do século XX, o mesmo número que o *Jornal dos Sports*. A trajetória de nenhum dos dois jornais foi, até hoje, minuciosamente estudada, a ponto de podermos detalhar os seus altos e baixos ao longo dos anos ou explicar porque ambos entraram na década de 90 como arremedos do que foram e significaram. Mas, suspeito, é possível tentar associar o início do abalo sofrido pelos dois diários esportivos ao período em que o futebol brasileiro viveu a sua mais aguda crise financeira, justamente entre os anos 70 e 80<sup>22</sup>.

Não estão, porém, entre os objetivos do trabalho discutir as causas da decadência da *Gazeta Esportiva*. Procurei, apenas, realçar peculiaridades do seu nascimento – um processo que se dá concomitantemente à popularização e profissionalização do futebol no Brasil. É uma história que ajuda a visualizar não apenas como se desenvolveu o jornalismo esportivo como também ilumina características típicas da imprensa brasileira no período.

### **Referências bibliográficas**

BOURDIEU, Pierre. “Programa para uma sociologia do esporte”, in *Coisas ditas*, São Paulo, Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_ *Sobre a televisão*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

CALDAS, Waldenyr. *Pontapé inicial, memória do futebol brasileiro*, Ibrasa, 1990.

FONSECA, Ouhides. “Esporte e crônica esportiva”, in *Esporte e jornalismo*, de Pascoal Luiz Tambucci (org.), São Paulo, CepeUsp, 1997.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses*, Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. *A hora e a vez do progresso: Cásper Líbero e o exercício do jornalismo nas páginas d’A Gazeta*. Dissertação de mestrado, Escola de Comunicações e Artes da USP, São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_ “Cásper Líbero, o empresário que criou a primeira escola de jornalismo”, in *Imprensa brasileira: Personagens que fizeram história*, vol 1, São Paulo, Imprensa Oficial, 2005.

LOPES, José Sérgio Leite. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”. São Paulo, *Revista USP* número 22, junho/julho/agosto de 1994 - *Dossiê Futebol*.

MAZZONI, Thomaz. *Problemas e aspectos do nosso futebol*, São Paulo, A Gazeta, 1939.

\_\_\_\_\_ *História do futebol no Brasil*, Edições Leia, 1950.

\_\_\_\_\_ *O Brasil na Taça do Mundo*, São Paulo, A Gazeta, nova edição, 1950.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de C. “Construindo a nação: futebol nos anos 30 e 40”, in *Futebol, espetáculo do século*, de Marcia Regina da Costa (org), São Paulo, Musa, 1999.

NEVEU, Érik. *Sociologia do jornalismo*, Edições Loyola, São Paulo, 2006.

<sup>22</sup> Veja, a esse respeito, R. Helal. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil* e M. Proni, *A metamorfose do futebol*.



PEIXOTO, Silveira. *Cásper, pioneiro da imprensa*, São Paulo, Fundação C. Líbero, 1997.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania – Uma história social do Rio de Janeiro, 1902-1938*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *A metamorfose do futebol*, Campinas, Unicamp, 2000.

RICÚPERO, Rubens. “Alcântara Machado, testemunha da imigração”, in *Estudos avançados*, vol. 7, Nº. 18, São Paulo, 1993.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*, SP, Brasiliense, 1981.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora: A influência americana sobre o jornalismo brasileiro*, São Paulo, Summus, 1990.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol*, Belo Horizonte, UFMG, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Mauad, 1999.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*, São Paulo, Hucitec, 2002.